

Censura e eugenia em *História do Mundo para as Crianças*, de Monteiro Lobato¹

Tâmara Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
abreutamara@gmail.com

Resumo:

História do mundo para as Crianças foi um livro concebido por Monteiro Lobato quando ele ainda estava nos Estados Unidos, embora só tenha sido publicado no Brasil em 1933. Construída de maneira incomum, a obra é costurada entre discursos do próprio autor, adaptação do texto original, e ilustrações oriundas de diferentes fontes. O resultado a que chega com tal empreitada é, no mínimo, curioso: *História do Mundo* é censurado e proibido em escolas, queimado em praça pública e reeditado seis vezes em pouco menos de cinco anos, alcançando a maior tiragem que um livro infantil de Lobato já teve – exceto no caso da versão escolar de *Narizinho Arrebitado* (1921). Escrito e inscrito em um contexto fortemente marcado por ideias eugenistas, o livro chama a atenção ainda pela recorrência da palavra “raça” no texto, registros que aproximam esta obra das recentes discussões sobre o racismo em Lobato.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Censura; Eugenia; Literatura infantil.

Abstract:

História do Mundo para as Crianças [*World History for Children*] was a book conceived by Monteiro Lobato when he was still living in the United States (1927-1931), although it has only been published in Brazil in 1933. Built in a fairly uncommon way, the book is composed out of a combination of the author’s own speeches, translation and adaptations of the original text, along with illustrations collected from different sources. The result is, to say the least, curious. *História do Mundo* was censored and banned from schools, burned in public manifestations and reedited six times in less than five years (1933-1938), having become Lobato’s single book with the highest number of printed copies – except for the school version of *Narizinho Arrebitado* (1921). Written and embedded in a context strongly influenced by eugenist ideas, the book calls attention for the use of certain terms (mostly derived from biology) and for the recurrent use of the word “race” in the speeches of its characters. These aspects of the book bring it closer to the current debate about racism in Lobato’s work.

Keywords: Monteiro Lobato; Censorship; Eugenics; Children literature.

1. Este artigo é resultante de comunicação apresentada no XII Congresso Internacional da ABRALIC, organizado pela ABRALIC e realizado de 18 a 22 de julho de 2011 em Curitiba-PR, Brasil.

Introdução

Começamos por uma comparação curiosa. Em setembro de 1933, saíam das oficinas gráficas, ao mesmo tempo, as primeiras edições de duas obras de referência para a história da literatura infantil brasileira: *Caçadas de Pedrinho e História do Mundo para as Crianças*, ambas de Monteiro Lobato. Feitos pela mesma mão, e publicados pela Companhia Editora Nacional, esses livros, curiosamente, tiveram recepções opostas em duas épocas diferentes – tomando como referência o discurso de educadores nos anos 1930 e nos anos 2000.

Caçadas de Pedrinho, apesar de ter sido “leitura recomendada a público” pela Comissão de Literatura Infantil do MEC em 1937², atualmente recebe avaliação oposta, sendo rejeitada por muitos educadores: em 2010, essa obra foi assunto de um parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) sugerindo restrições à sua distribuição nas escolas públicas, em razão de uma denúncia alegando que em seu texto haveria conteúdo racista. A obra foi vetada. Meses depois, o MEC rejeitou o parecer do CNE e pediu revisão, que foi acatada. Porém o Instituto de Advocacia Racial (IARA) levou o caso adiante. Uma intensa polêmica teve curso na grande mídia entre 2010 e 2014, quando o Supremo Tribunal Federal negou o pedido (feito pelo IARA) de liminar contra a decisão do CNE – de manter o livro nas bibliotecas escolares. *Caçadas* ficou na escola, pelo menos até então.

2 A Comissão foi criada em 1936 na gestão de Gustavo Capanema como secretário da educação. Uma de suas funções era avaliar os livros para crianças existentes no mercado e classificá-los para, em seguida, recomendar ou desaconselhar leituras em listas dirigidas a educadores e pais. A boa avaliação do livro *Caçadas de Pedrinho* consta em documentos (resumos das atas de reunião e relatórios de atividades 1936-1938) da Comissão de Literatura Infantil do MEC que pertencem aos Arquivos Gustavo Capanema e Lourenço Filho, ambos do Cpdoc-FGV. Os documentos foram consultados durante pesquisa para minha a tese de doutorado, intitulada *O livro para crianças em tempos de Escola Nova : Monteiro Lobato & Paul Faucher*. Disponível em : [http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770811]

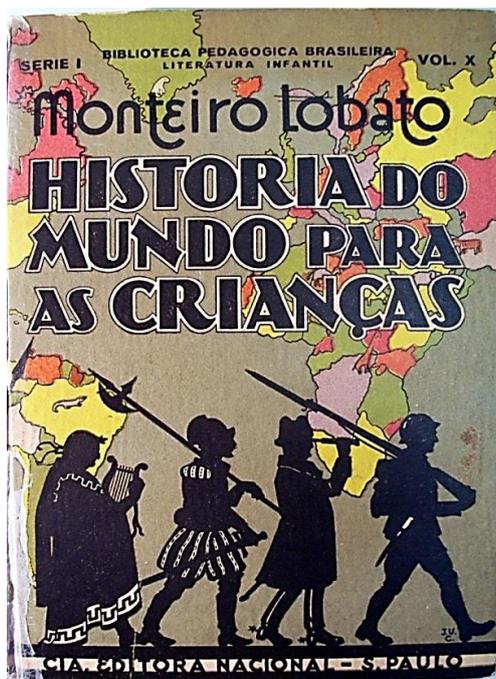


Foto de capa da 1ª edição (1933) de *História do Mundo para as Crianças*.
Fonte: Acervo Histórico IBEP-NACIONAL, São Paulo. Fotografia por Tâmara Abreu.

História do Mundo para as Crianças, por sua vez, não foi alvo de crítica após o relançamento da obra completa de Lobato pela Editora Globo, em 2007. Entretanto, na década de 1930, esse livro foi detratado tanto dentro quanto fora do Brasil, tendo o Governo de Portugal determinado “a proibição da obra em Portugal e colônias”. (CAVALHEIRO, 1956, pp. 592-593). Chegou a ser declarado como “péssimo” por jornais católicos, além de ter sua adoção proibida oficialmente em escolas públicas paulistas – conforme está registrado em um parecer oficial emitido em 1939 pela chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola, órgão do Departamento de Educação da Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo, documento a ser comentado neste artigo.

Falar em *História do Mundo para as Crianças* é também falar na história da leitura e da escritura dessa obra, considerando a sua produção insólita e a sua recepção controversa. Inscrita em um período marcado por um governo de tendência totalitarista que culminaria na ditadura do Estado Novo, essa *História do Mundo* foi construída quando uma boa parte dos brasileiros, americanos e europeus acreditava na eugenia como uma “ciência” moderna. Signo de progresso e de credibilidade, com suas supostas verdades fabricadas

em laboratórios, legitimada pelos mais eminentes cientistas e professores universitários, e subvencionada pelos mais ricos industriais americanos e europeus, a eugenia marcou o pensamento de uma época, seus discursos e ideias.

Costurando a *História do Mundo*

História do Mundo para as Crianças é a adaptação, feita por Monteiro Lobato, do livro *A Child's History of the World*, de Virgil M. Hillyer, lançado nos Estados Unidos em 1924 por uma editora anglo-americana (THE CENTURY CO.). Professor e diretor de uma famosa escola em Baltimore, a Calvert School, Hillyer conta, no prefácio da sua obra, que escreveu o livro no intuito de ampliar os horizontes de seus alunos porque eles não tinham acesso ao estudo de uma cultura geral, uma vez que a escola americana só ensinava a história dos Estados Unidos. Lobato, percebendo que as escolas brasileiras adotavam livros cuja versão da História do Brasil e Geral era apresentada às crianças de maneira mascarada, conveniente à igreja católica e ao governo que estava em vigor, resolveu contar a *História do Mundo* ao seu modo.

Originalmente concebido em primeira pessoa, o texto de Hillyer tem um narrador que se dirige o tempo todo ao leitor, numa fórmula muito próxima ao diário íntimo. Usando o discurso direto, o texto tem muitas interrogações e exclamações que o aproximam da oralidade, conferindo-lhe vivacidade. Já na versão brasileira, mesmo mantendo a leveza e a simplicidade da linguagem, Lobato introduz diferenças fundamentais na sua obra: quem conta a história não é um narrador, mas uma personagem da sua ficção; e mais: Dona Benta não conta a história do mundo diretamente ao leitor, e sim aos outros personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Assim, temos um contador narrando histórias ao seu público ouvinte durante toda a trama, temos um contador em plena ação ficcional sendo usado como estratégia de escrita dialógica.

Alinhando discursos, Lobato vai tecendo uma narrativa marcada pelas interações das crianças em meio às discussões conduzidas por Dona Benta ao tratar de cada tema histórico. O formato multidualógico³ do texto, as marcas de oralidade, a recorrência

3 O termo está sendo aqui empregado no sentido de diálogo múltiplo entre os personagens.

a expressões coloquiais e ditos populares, a linguagem como um todo, são características que “lobatizam” inconfundivelmente a adaptação da obra americana.

Outro aspecto a ser ressaltado, e que torna esse livro um objeto editorial bastante curioso, é a maneira *sui generis* como a obra foi ilustrada. Uma pasta pertencente aos arquivos da Biblioteca Monteiro Lobato (São Paulo) abriga uma espécie de dossiê de composição da obra; nessa pasta há dois volumes: *A Child's History of the World*, de Hillyer (1924) e a *História do Mundo para as Crianças* de Lobato (1933), ambos em sua primeira edição. No exemplar de *História do Mundo* que pertencia ao autor brasileiro⁴, as páginas estão riscadas a lápis (ao que parece, por ele mesmo) indicando alterações no texto para a edição subsequente; e dentro desse volume, há inúmeros recortes de ilustrações extraídas de pelo menos dois livros diferentes com legendas em português e em francês. Também no livro de Hillyer há várias páginas nas quais as ilustrações estão ora recortadas com tesoura ora riscadas à mão, marcadas com a inscrição “feita”, indicando assim as escolhas que orientaram a composição visual do livro de Lobato.

O flagrante dos plágios feitos pelo ilustrador brasileiro não apenas choca o pesquisador que com eles se defronta, mas provoca questionamentos a respeito das práticas vigentes frente aos direitos autorais naqueles anos de 1930. Teria o próprio autor escolhido e recortado as imagens de livros que lhe pertenciam? Teria sido esta uma iniciativa do ilustrador? A prática abusiva mencionada parece ter sido comum no período que concerne a este estudo. Quando à ciência do autor (Monteiro Lobato) e do seu editor (Octales Marcondes Ferreira) sobre os procedimentos pouco nobres do ilustrador (Jurandir Ubi-rajara Campos), não se pode afirmar, embora se possa supor, que eles sabiam ou que eles ignoravam o plágio, uma vez que não foram encontrados registros que esclareçam os pormenores do processo de ilustração da obra. Vejamos como esse livro foi recebido pelos censores da época.

4 Exemplar original do autor pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato em São Paulo.

Uma “História do Mundo” censurada

Durante a Era Vargas (1930-1945), especialmente nos anos que cobrem o período político conhecido como Estado Novo (1937-1945), publicar livros para crianças no Brasil era uma atividade espionada por educadores católicos e controlada por órgãos governamentais subordinados ao Ministério da Educação – então chefiado por Gustavo Capanema. Pode-se afirmar que *História do Mundo para as Crianças* é uma obra que já nasceu fadada ao veto, dadas as circunstâncias politico-educacionais do país nos anos em questão.

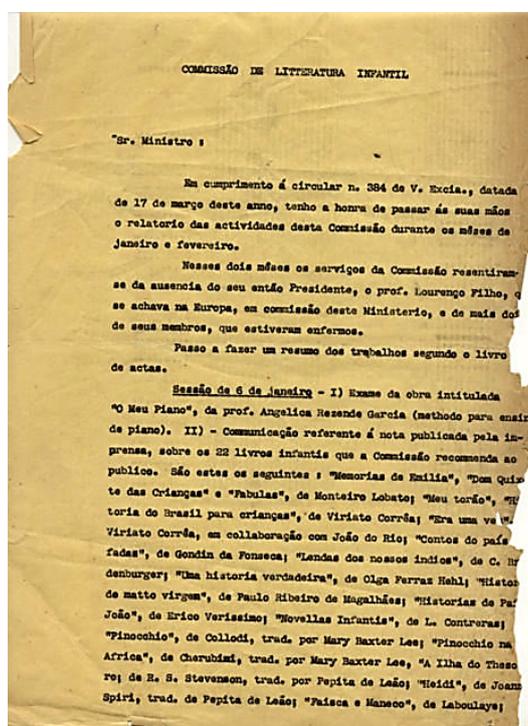
Na década de 1930, foram criadas importantes instâncias de censura da literatura infantil, tanto em nível federal quanto em nível estadual – pelo menos no caso de São Paulo. A primeira delas surgiu um ano e meio antes da instauração da ditadura do Estado Novo: através de portaria expedida em 29 de abril de 1936⁵, pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, Capanema criava a *Comissão de Literatura Infantil* (CLI) a fim de organizar e controlar a circulação de literatura infantil nacional e estrangeira no país. Essa comissão tinha como secretário Murilo Mendes e era presidida por Lourenço Filho, conforme se pode ver no *relatório de atividades* da CLI, cuja primeira página é reproduzida na próxima página.

Dois anos após a criação da Comissão de Literatura Infantil, vem a público o Decreto nº 9.255, de 22 de Junho de 1938. Reorganizando a antiga *Diretoria do Ensino* de SP, que passa a se chamar *Departamento de Educação*, o decreto nº 9.255 determina a criação da função do “Chefe de Serviço de Instituições Auxiliares da Escola”⁶ (S.I.A.E.). Entre outras atribuições conferidas ao Chefe do S.I.A.E., a ele cabia avaliar os livros que seriam adotados nas bibliotecas escolares da rede pública paulista. Esse cargo concerne especificamente ao livro de que trata o presente artigo, *História do Mundo para as Crianças*, como veremos a seguir.

5 A portaria foi publicada oficialmente no Diário Oficial da União de 04 de junho de 1936. Para ver o texto da portaria, cf. <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2074193/dou-secao-1-04-05-1936-pg-11/pdfView>

6 O texto do Decreto está disponível no site da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1938/decreto%20n.9.255,%20de%2022.06.1938.htm>

Alvo de difamação e graves acusações em jornais católicos dos anos 1930⁷, considerado um livro perigoso para o leitor-criança, talvez a mais importante (porque de consequências concretas ao ter a sua adoção proibida em escolas) censura de que a *História do Mundo* de Lobato foi alvo está registrada em um parecer de três páginas.⁸ Embora não seja inédito e o seu conteúdo já tenha sido reproduzido, em dois momentos diferentes, por um biógrafo e por uma pesquisadora em seus respectivos trabalhos, esse documento oficial encerra uma questão importante que até hoje não foi esclarecida: a sua autoria. A primeira publicação, de 1955, não traz sugestão de autoria⁹; e a segunda, de 2007, arrisca a indicação de Lourenço Filho como sendo o provável autor do parecer.¹⁰



Relatório de atividades da CLI assinado por Murilo Mendes, de 31/03/1937, 3p.
Documento pertencente ao Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV (Rio de Janeiro).
Classificação: LFc 36.06.01, rolo 1, fotogramas 188-200.

O parecer, que expõe em minúcias as razões pelas quais o livro de Lobato é considerado inadequado para a leitura das crianças, traz um texto datilografado que não está

7 Cf. CAVALHEIRO (1955), op. cit., p. 593.

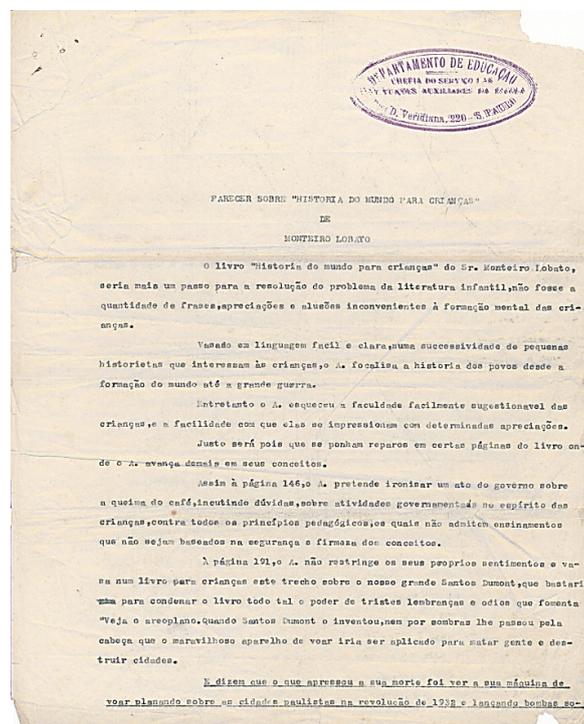
8 Documento pertencente ao Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE, IEL-UNICAMP. Código de referência do documento: MLb 3 3 00489

9 CAVALHEIRO, op. cit., pp. 591-592.

10 SOARES, Gabriela Pellegrino. Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, pp. 71-73.

datado nem assinado; no entanto, o timbre do papel indica que o documento foi emitido pela “Chefia do *Serviço das Instituições Auxiliares da Escola*” (S.I.A.E.) – órgão do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, então situado à Rua D. Veridiana, 220.

Primeiramente, levemos em conta que o cargo de “chefe” do S.I.A.E. foi criado em 1938 e entregue a Máximo de Moura Santos. A partir daí, parte do mistério ou do equívoco se esclarece: é possível inferir uma data inicial limite para a emissão do parecer, ou seja, o ano de 1938; é possível sugerir, sobretudo, que o autor do parecer, ou seja, quem reprovou *História do Mundo* nas escolas paulistas, teria sido o chefe do S.I.A.E., Máximo de Moura Santos.



Primeira página do parecer sobre *História do Mundo*. Documento do Fundo Monteiro Lobato, no CEDAE-IEL, UNICAMP. Código de referência MLb 5 1 00008.

Cumprimento, ainda, que esse mesmo chefe assinou um ofício encaminhando semelhante parecer sobre *Emília no País da Gramática*, datado de 13 de novembro de 1939.¹¹ No ofício, dirigido aos diretores da Companhia Editora Nacional, ele diz:

11 O Documento foi reproduzido na dissertação de mestrado de ALBIERI, Thaís de Mattos. LOBATO: a cultura gramatical em *Emília no País da Gramática*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005).

Em execução ao programa que esta Chefia de Serviço se impôs, de cooperar com os editores no sentido de facilitar a difusão de livros de literatura infantil, junto remeto cópia do parecer apresentado à mesma pela comissão que estudou o livro “Emília no País da Gramática”, da autoria do notável escritor patricio Monteiro Lobato.

Esta chefia, que subscreve os termos do referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar em bibliotecas escolares, enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontados pela comissão. (SANTOS, 1939).

A par das atividades do S.I.A.E., e da já citada Comissão de Literatura Infantil do MEC, mencione-se ainda outras duas iniciativas (na esfera pública e privada) complementares do aparato de censura da literatura infantil no país: dentro das editoras, os diretores de coleção ditavam quais textos para o público infantil deveriam ser publicados ou não; como medida complementar, que atingia os livros de leitura escolar de Lobato, havia ainda o Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938, que estabelecia as condições de produção, importação e utilização do livro didático e criava a Comissão Nacional do Livro Didático.

Eugenia e Racismo

A *eugenia* teve origem na Europa, particularmente na Inglaterra do final do século XIX e início do séc. XX. O termo foi criado por Francis Galton, mas os preceitos defendidos pelo movimento eugênico foram originados em várias teorias científicas posteriores à Revolução Industrial, teorias estas formuladas por Malthus, Spencer, Darwin, Mendel, Weissman, entre outros. Pode-se definir *eugenia*, grosso modo, como uma teoria do aperfeiçoamento da raça humana, bem como a aplicação dos seus métodos, com a finalidade de promover o progresso social e econômico das sociedades industrializadas.

A eugenia inglesa foi associada à noção de “eugenia positiva” porque buscava promover o aprimoramento biológico do homem através de casamentos selecionados, mas respeitando, de certa forma, as liberdades individuais de cada cidadão. Por outro lado, a versão norte-americana do movimento foi associada ao conceito de “eugenia negativa”,

por ser elitista e racista, não levando em conta os valores éticos e morais envolvidos em questões como a segregação de pessoas sadias em manicômios e a esterilização em massa, por exemplo.

Tentemos fazer uma distinção aparentemente simples. Apesar da forte correlação entre os termos, *eugenia* não é sinônimo de *racismo*. Ora, mas o que é o *racismo*? Trata-se ao mesmo tempo de uma crença (a de que uma raça seria superior a outras) e de uma prática social (o ódio racial) criminosa que dela decorre. *Racismo* poderia ser definido sinteticamente como “um conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, entre as etnias” (HOUAISS eletrônico), considerando-as superiores e inferiores, acompanhadas de atitudes antiéticas, com forte tendência para o radicalismo, a hostilidade, ações discriminatórias e criminosas.

De modo geral, o *racismo* existe desde que o mundo é mundo, mesmo que sob diferentes manifestações: entre os gregos, no Egito antigo, entre os hindus (nas tradições sociais que perpetuam o sistema de castas ainda existente). No entanto, tal qual se perpetuou desde o século XIX, com base na falsa ideia de que os povos de matrizes africanas seriam biologicamente inferiores, a prática criminosa do racismo originou-se de uma deturpação do conceito original de *eugenia*. Na *eugenia* há indiferença; ela atua coletivamente e suas preocupações são de ordem econômica e moral. No *racismo* há ódio; que se manifesta individualmente, pois sua finalidade é a distinção social.

Homem do seu tempo, Lobato foi leitor de muitos dos cientistas e teóricos mencionados anteriormente – suas leituras são fartamente comentadas no primeiro volume de *A Barca de Gleyre*. Participou ativamente da intelectualidade do país, tanto no debate de ideias como nas ações concretas levadas a cabo por estes pensadores. A defesa do sanitismo é um exemplo, que ele acionou quando estava no comando da *Revista do Brasil* (1918-1925), e que o levou, inclusive, a reformular o seu conceito do “tipo nacional” – o Jeca Tatu.

No Brasil, estudos anteriores já apontaram a confusão de teorias e ideias a respeito de assuntos candentes como *eugenia*, *raça*, *nação*, *higienismo* ou *sanitarismo* nas publicações nacionais e nos debates que circulavam entre os intelectuais nas primeiras

décadas do século XX¹², inclusive na *Revista do Brasil*, cujo dono era Monteiro Lobato, entre 1918 e 1925:

A análise do extenso material publicado na *Revista do Brasil* a respeito da questão étnica deixa patente, por um lado, a centralidade do tema para o período e, por outro, alerta para a complexidade de que ele estava revestido. No periódico circulavam diferentes abordagens que se sobrepunham em camadas densas formando um emaranhado que só se apreenderia depois de um lento trabalho de desconstrução. (DE LUCA, 1999, p. 233)

Higienismo ou sanitarismo seria o movimento de ideias e ações em defesa da saúde pública (erradicação e prevenção de doenças), da educação (boas práticas de higiene e cuidados com o corpo) e, em última análise, do fortalecimento da *raça* e da *nação*. O conceito de *raça* parece ter sido central para a discussão acalorada dessas teorias e a consequente mobilização transformada em ações sociais e políticas das quais tomou parte o escritor durante a campanha sanitaria no país.

Contexto de produção da *História do Mundo*

História do Mundo para as Crianças foi publicado dois anos após o período novaiorquino da vida do escritor (de 1927 a 1931). Depois de criar o *Ato de Imigração de 1924*, lei que impunha um limite de cotas raciais para a entrada no país de imigrantes não nórdicos, os Estados Unidos legalizaram em 1927 a esterilização compulsória de indivíduos saudáveis classificados injustamente como “débeis mentais” ou “incapazes”.¹³ Foi justamente quando Lobato chegou a Nova York que a eugenia, equivocadamente entendida como uma “ciência” da raça superior, estava no auge da popularidade entre os ricos e intelectuais norte-americanos, disseminando práticas coercitivas de esterilização, castração, e segregação, além da proibição matrimonial daqueles considerados degenerados ou geneticamente inferiores. Acreditava-se piamente na eugenia como uma verdadeira alternativa para melhorar o mundo.

12 Talvez a análise mais lúcida na historiografia a esse respeito esteja em DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

13 Para maiores detalhes sobre a história da eugenia e a sua aplicação nos Estados Unidos, cf. BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

O ano de 1933 foi também um marco histórico para a humanidade, quando Adolf Hitler chegava ao máximo posto do poder político na Alemanha e começava a comandar o império do racismo, que levaria às atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial. A biologia e a genética gozavam de prestígio incontestável no mundo, e eram fortes aliadas do Reich.

História do Mundo

O primeiro motivo pelo qual *História do Mundo para as Crianças* foi rechaçado pelos educadores católicos está na abertura da história: o começo do mundo é explicado pelo criacionismo, pela teoria do Big Bang. Deus, Adão e Eva não são sequer mencionados. O autor dá um tom não confessional a todo o texto, além de trazer uma visão pessimista sobre a humanidade; faz apologia da ciência e do progresso econômico, supervaloriza a instrução, o estudo, o saber. Quando fala de Cristo, às vezes o faz de modo imparcial, neutro, pouco reverente, outras vezes com admiração. Explicando informalmente a lógica da eugenia ao seu pequeno leitor, Lobato diz:

Voltando a Esparta, começou Licurgo a organizar a vida dos espartanos conforme as lições que aprendeu. (...) Se os recém-nascidos eram fracos, ou possuíam qualquer defeito físico, a lei mandava abandoná-los numa montanha, para que morressem. Licurgo não queria que houvesse um só aleijado de nascença em Esparta.

– Sistema de tia Nastácia com os pintinhos – observou Emília.

– Ela torce o pescoço de todos que não prometem bons frangos. (LOBATO, 1977, p. 67)

Em sua obra, Lobato parece escrever uma *história das raças* do mundo, recorrendo a esse termo incontáveis vezes ao longo das trezentas páginas do texto. Ele empregava a palavra *raça* referindo-se a povos, civilizações, sociedades, etnias, famílias, cor da pele, entre outras definições. Também se valia de diferentes termos da biologia inúmeras vezes, termos esses presentes em toda a mídia impressa, mostrando que estava em consonância com os discursos de sua época. Um detalhe, no entanto, chama a atenção: na época em que escreveu essa adaptação, Lobato provavelmente não acreditava na teoria

do enfraquecimento da raça pela mestiçagem, pois ele descreve Narizinho como uma menina muito inteligente e “dum lindo moreninho cor de jambo” (LOBATO, 1977, p. 56). Seu posicionamento frente à questão étnica e racial está fartamente documentado em sua correspondência pessoal e nos artigos da *Revista do Brasil*.

Com relação à escravidão imposta aos negros africanos, subtraídos de suas culturas para viver o horror em terras distantes, o posicionamento do escritor nesse livro se expressa (felizmente) de modo muito diferente daquele apresentado em sua correspondência 25 anos antes. Ao contar a história de Simon Bolívar como libertador dos escravos negros na Venezuela, a reação imediata é assim: “Muito bem – aplaudiu Narizinho –. Já estou gostando desse homem. Escravidão é coisa que me faz mal aos nervos.” (Idem, p. 179).

O tema segue sendo bem explorado quando Lobato fala da escravidão dos índios e dos negros na América, denunciando crueldades e abusos cometidos pelos europeus seja em nome do dinheiro, seja em nome da Igreja:

Em vista disso, os europeus começaram a caçar homens da raça negra na África, para os botar aqui no eito. Foi a grande mancha da América. Por causa dos negros desenrolou-se na América do Norte uma tragédia imensa. Os Estados Unidos dividiram-se em dois lados – um que queria conservar a escravidão e outro que queria acabar com ela. (...) Lincoln, que odiava a guerra, teve de fazer a Guerra de Secessão toda – talvez a única no mundo que a gente possa justificar. (...) Aqui no Brasil tínhamos também esse cancro da escravidão – e para vergonha nossa fomos o último país no mundo a acabar com ela. (LOBATO, 1977, pp. 189-190)

Mesmo que haja contradições na representação do negro dentro da obra lobatiana, concentrado quase sempre na figura de tia Nastácia, quando o assunto é escravidão, não há no discurso do autor nenhum sinal de condescendência com o sistema escravocrata. Pelo contrário. Mas não estamos aqui para defender ou acusar o autor quando o assunto é racismo. Há muito o que se dizer sobre esta obra, sem dúvida. Talvez o mais importante aspecto a ser destacado esteja nesse excerto:

Era realmente um terrível povo que ali estava se formando - disse Dona Benta. O mundo inteiro iria saber disso mais tarde. Os crimes que eles cometeram, porém, não podem ser julgados com as ideias de hoje. Não se esqueçam de que ainda estavam muito próximos da barbárie primitiva. (LOBATO, 1977, pp. 189-190)

Aos 51 anos, o escritor paulista demonstra, mais do que talento para uma adaptação à brasileira, mais do que uma boa dose de originalidade, a compreensão lúcida dos eventos e atores do processo histórico. Ao ler Lobato, crianças não aprendem simplesmente noções de história: elas aprendem que as ideias não são entidades autônomas e estanques, mas datadas e localizadas, estão inscritas em um tempo e um espaço dos quais não se distanciam. A consciência da historicidade das ideias é, provavelmente, a maior lição que Lobato pode ter deixado aos seus leitores em *História do Mundo para as Crianças*.

Referências

BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. Tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora: 2003.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Vol. 2. Companhia Distribuidora de Livros/ Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1955, pp. 591-594.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. Tomo 1. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *História do Mundo para as Crianças*. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.